

SCHILLER E FREIRE: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Clóvis Trezzi

Universidade Cidade de São Paulo
clovistr@gmail.com

RESUMO

A educação estética tem uma grande importância na formação humana. Desde que o conceito foi criado por Schiller no século XVIII até os dias atuais, passou por algumas mudanças conceituais, mas não perdeu sua essência. O objetivo deste trabalho é encontrar na educação estética elementos que ajudem o educando a encontrar-se consigo mesmo e a assumir-se como sujeito. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, a partir de Schiller e Freire. Partimos do seguinte problema: a educação estética ajuda a formar desenvolver a pessoa e formar-se enquanto sujeito da própria história? Concluimos, a partir da leitura dos dois autores, que uma escola que toma consciência da educação estética ajuda os formandos na relação consigo mesmos e com o mundo.

Palavras-chave: educação estética, formação, estética

ABSTRACT

Aesthetic education is very important in human development. Since the concept was created by Schiller in the eighteenth century to the present day, went through some conceptual changes, but has not lost its essence. The objective of this job is to find elements in the aesthetic education to help the student to meet with himself and take up as a subject. The methodology used was literature, from Schiller and Freire. We start with the following problem: the aesthetic education helps form the person develop and take shape as a subject of history itself? We conclude from the reading of the two authors, that a school becomes aware of aesthetic education helps trainees in relation to themselves and the world.

Keywords: aesthetic education, formation, aesthetic.

A palavra “estética” é uma palavra da moda. Ela é usada em diversos contextos, mas especialmente no que se refere à beleza pessoal. Por isso, às vezes parece que, à primeira vista, falar em conceito de estética pode soar um tanto quanto inútil. Por outro lado, sob um olhar filosófico, a estética não está necessariamente associada ao belo. Para uma melhor compreensão, podemos retomar sua concepção original que, segundo Iser (2001), foi definida por Baumgarten em 1735 como sendo a ciência de como as coisas podem ser conhecidas pelos sentidos (ISER, 2001, p. 35).

Partindo desse conceito, e ignorando propositalmente a visão posterior de Hegel (1974, p. 87ss), que dizia que a estética é a ciência do belo, mais

especificamente do belo artístico, e que o belo natural deve ser excluído da mesma, chegamos à ideia inicial de que a estética não se prende à dimensão do belo, e muito menos à arte, embora tenha estreita relação com esta. Manter essa linha de pensamento é importante para depois compreendermos o que queremos trazer como conceito de educação estética.

1. Schiller e a educação estética do homem

Neste trabalho, partiremos da visão de um autor, contemporâneo de Baumgarten, e extremamente importante quando se trata de estética. Trata-se de Schiller (2002), poeta, filósofo e dramaturgo alemão, nascido em 1759 e falecido em 1805. Escreveu, entre outras obras, *A Educação Estética do Homem*, em 1795. Estamos partindo do conceito de educação estética em Schiller por entendermos que a sua postura é reflexo do conceito de estética apresentado por Baumgarten, e com o qual concordamos. Também adotamos Schiller por ser ele pioneiro na utilização do conceito de educação estética.

Vale recordar aqui que a palavra estética “deriva do grego *aisthesis* e significa sensação, sentido, liberdade” (ISSE, 2007, p. 11). Não se pode negar que Baumgarten partiu daí para formar o seu conceito.

Igualmente a Hegel (1974), já citado acima, Schiller contempla a estética como a arte do belo. Contudo, supera Hegel no sentido de humanizar esse belo e ver nele também o belo natural, mostrando a importância da influência do ser humano para que haja beleza; além disso, partindo do conceito original de *aisthesis*, afirma a possibilidade de aprendizagem do belo, e as mudanças que essa aprendizagem pode trazer para quem o aprende.

Em Schiller, é importante, para compreender o conceito de beleza, saber que ela existe graças ao equilíbrio entre sentimento e entendimento, entre forma e matéria. Num primeiro momento, há no ser humano duas forças opostas, que chama de impulsos, e os denomina de impulso sensível e impulso formal. O sensível “parte da existência física do homem ou de sua natureza sensível” (SCHILLER, 2002, p. 63), e limita o homem, pois não permite que seu espírito saia do mundo sensível. O impulso formal “parte da existência absoluta do homem ou da

sua natureza racional e está empenhado a mantê-lo em liberdade” (id. ibid.). Quando o impulso formal domina, existe a tendência de a pessoa examinar a obra de arte sempre baseada na razão, buscando explicações para essa obra. Já quando predomina o impulso sensível, é na emoção que vai estar centrada toda a observação da obra de arte¹. Para que haja uma real compreensão da beleza, Schiller afirma que é necessário um equilíbrio, um ponto em que seja rompida a tensão entre esses dois impulsos e a pessoa possa partir de ambos.

Esse equilíbrio é fundamental para compreender o conceito de beleza, no sentido de que, tanto o filósofo que se deixa levar pelos sentimentos, quanto o que baseia tudo no entendimento, não conseguirão chegar a um conceito de beleza (cf. Schiller, 2002, p. 70ss).

Apesar de apresentar o belo num contexto mais amplo, para além da obra de arte, afirma Schiller:

A beleza não é nem estendida a todo âmbito do que é vivo nem se encerra nele. Um bloco de mármore, embora seja e permaneça inerte, pode mesmo assim tornar-se forma viva pelo arquiteto e escultor; um homem, conquanto viva e tenha forma, nem por isso é uma forma viva. Para isso seria necessário que sua forma fosse viva e sua vida, forma. Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando essa forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando o julgamos belo (SCHILLER, 2002, p. 77-78).

Percebemos, então, que para o autor, o conceito de beleza (ou de estética) reside na síntese entre sentimento e entendimento. É aqui que entra a questão da educação estética. Para Schiller (2002), a estética pode ser aprendida, e essa aprendizagem se dá aos poucos, dentro do já citado equilíbrio entre sentimento e entendimento. Note-se aqui uma sutil diferença entre a abordagem schilleriana e a abordagem pedagógica da educação estética, que, ao tratar do assunto, traz à tona uma escola bonita, uma educação bela (cf Perissé, 2009). Na visão filosófica, apresentada por Schiller, é mais visível uma educação para o belo.

¹ Vale lembrar que não é à toa que Schiller chama de “impulsos”. Eles não são conscientes. Estão relacionados com a maneira de a pessoa ver o mundo ou como ela foi educada para ver a obra de arte. Daí a importância de uma educação estética.

Na sua obra *A Educação Estética do Homem*, Schiller chega à conclusão de que aprender o belo é necessário, e demonstra que ele faz parte da vida do ser humano tanto quanto as demais dimensões, física, psíquica e espiritual, mas também em todas as atividades exercidas pelo ser humano.

Os dois impulsos, o sensível e o formal, aparentemente são opostos, pois um exige mudanças e o outro imutabilidade (cf. Schiller, op. cit, p. 67). Por isso mesmo, faz-se necessário um terceiro impulso que, em princípio, é impensável, pois os dois primeiros esgotam o conceito de humanidade. Dessa maneira, “a eficácia de cada um ao mesmo tempo funda e limita o outro; (...) cada um encontra sua máxima manifestação justamente pelo fato de que o outro é ativo” (SCHILLER, op. cit, p. 73). É justamente para que haja um ponto de equilíbrio entre esses dois impulsos que surge um terceiro, que Schiller chama de impulso lúdico. A importância do lúdico está em alcançar a beleza através do jogo de equilíbrio, onde o sensível e o racional se equilibram. O autor contempla isso como um jogo, e nos remete ao conceito de liberdade. “O impulso lúdico é o equilíbrio que o homem consegue quando se libera das limitações da sensibilidade e da razão, a partir de um salto dialético que supera esta oposição” (VERÁSTEGUI, 2007, p. 4).

O impulso lúdico ajuda o ser humano a aprender a apreciar o belo, pois este, como os outros gostos, é aprendido. Ele serve como intermediário na passagem do estado passivo da sensibilidade para o estado ativo do pensamento (cf. Schiller, 2002, p. 113). E esse é o principal fruto da educação estética: a formação do homem sensível. O sensível aqui não se refere apenas à sensibilidade artística, mas ao todo da existência humana.

A dita necessidade de aprender o belo se apresenta, segundo o autor, da seguinte maneira:

Sem que tomemos em consideração alguma lei ou fim, ele (o homem²) pode aprazer-nos na mera contemplação e apenas por seu modo de aparecer. Nesta última qualidade, julgamo-lo esteticamente. Existe, assim, uma educação para a saúde, uma educação do pensamento, uma educação para a moralidade, uma educação para o gosto e a beleza. Esta tem por fim desenvolver em máxima harmonia o todo de nossas faculdades sensíveis e espirituais (SCHILLER, op. cit, p. 103).

² Explicação nossa, tendo em vista que o sujeito oculto na frase (o homem) só aparece citado anteriormente.

A relação entre estética e formação é apresentada pelo autor ao longo da obra, num crescendo. Primeiro apresenta a questão política e alguns males que dela advêm. Procura, depois, mostrar que o ser humano é responsável pelos males. Passa a explicar os dois impulsos que direcionam os seres humanos que são o sensível e o formal, para chegar à questão da educação estética.

Em Schiller, estética e ética caminham juntas. Elas convergem porque a estética garante o equilíbrio do indivíduo de tal maneira que ele pode aspirar ao político, que é o princípio da autonomia (cf. Verástegui, 2007, p. 8). Da mesma maneira, a estética conduz ao conceito de liberdade; este, por sua vez, é um dos princípios éticos fundamentais. De modo que Freire, que diz que na escola é preciso “decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 2003, p. 32), está reafirmando um princípio estético de Schiller, com a diferença que para Freire, a estética e a ética caminham ao mesmo tempo, e para Schiller, a estética gera necessariamente uma ética.

2. A educação estética em Freire

Para compreendermos como se dá a relação estética, ou a experiência estética na escola, precisamos apelar para um autor contemporâneo, tendo em vista que Schiller não tinha como foco de seu estudo a escola. E é em Freire que encontramos, de maneira mais completa, a relação entre estética e educação.

Na vida de Freire, as suas teorias sobre formação foram se delineando aos poucos, e não necessariamente a partir dos seus estudos e leituras. Muitas vezes foi na prática, no dia a dia, no contato com as pessoas simples que ele foi construindo o pensamento e a hermenêutica. Para ilustrar, podemos citar um fato, por muitos conhecido, relatado por ele, do qual transcrevemos algumas partes. O fato aconteceu após uma conferência na cidade do Recife (PE):

Ao terminar, um homem jovem ainda, de uns 40 anos, mas já gasto, pediu a palavra e me deu talvez a mais clara e contundente lição que já recebi em minha vida de educador. (...) Pediu a palavra e fez um discurso que jamais pude esquecer, que me acompanha vivo na memória do meu corpo por todo este tempo e que exerceu sobre mim enorme influência. (...) ‘Agora, eu queria dizer umas coisas ao doutor que acho que os meus companheiros concordam.’ Me fitou manso mas penetrantemente e perguntou: ‘Dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já

esteve na casa de cada um de nós?' (...) Falou da falta de recursos para as mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com um amanhã melhor. Da proibição que lhes era imposta de ser felizes. De ter esperança. (...) 'Agora veja, doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado. (...) Mas – continuou ele – uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomando banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. (...) Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame eles não. É porque a dureza da vida não deixa muito pra escolher' (FREIRE, 2008, pp. 25-27).

Essa passagem ajuda a compreender como Freire aprendeu com os acontecimentos da vida. É essa capacidade de aprender com as coisas do dia a dia que torna o educador mais forte na sua identidade. Assim, a formação não acontece apenas de maneira formal, mas também informal. Pode-se dizer que esse contato com a realidade é uma experiência estética, que às vezes pode ser a experiência estética da contrariedade, como se pode depreender do texto de Freire acima citado.

A obra de Freire traz uma importante contribuição para a educação estética. Isso acontece ao longo de toda a sua obra, mas aparece de maneira mais clara na "Pedagogia da autonomia" (2003), e em uma entrevista concedida a Ira Shor, publicada sob o título "Medo e ousadia" (1986). Nestes trabalhos, Freire apresenta a estética do ponto de vista de um educador – muito embora sua formação inicial tenha sido na área do Direito.

A relação que Freire faz entre educação e estética tem pontos em comum e, em outros, difere da visão de Schiller. Em Freire, é mais visível a educação como uma obra de arte, ou como processo criador:

Ensinar é assim a forma como toma o ato de conhecimento que o(a) professor(a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender (FREIRE, 2008, p. 81).

É como processo criador que ela se transforma em obra de arte. Para este autor, tudo o que acontece na sala de aula, desde o relacionamento professor-

aluno, até o tom de voz do professor, os gestos utilizados, os exemplos, tudo isso faz parte da estética da sala de aula:

Creio que a partir do momento em que entramos na sala de aula, do momento que você diz aos alunos: 'Olá, como vão?' você inicia, necessariamente, um jogo estético. (...) Assim a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético (FREIRE; SHOR, 1986, p. 146).

Vale a pena apontarmos outra ideia, que reforça a questão da sala de aula como obra de arte:

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá "vida" ao objeto, chama-o para a "vida", e até mesmo lhe confere uma nova "vida". Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto estudamos (FREIRE, SHOR, 1986, p. 145).

É aí que se desenham as semelhanças e diferenças entre Freire e Schiller. Pode-se dizer que a principal diferença entre ambos – além do fato de que o segundo trabalha a estética numa relação com a vida, e o primeiro num contexto educacional – é a questão entre estética e ética. Em Schiller, toda estética gera uma ética. Já em Freire, elas caminham juntas desde o começo.

Para Freire, é impossível educar sem fazer uma experiência estética. O professor, em qualquer que seja o nível, é um auxiliar no processo de formação. Contudo, para Freire, em entrevista a Shor (1986), este processo é necessariamente um processo artístico. Assim sendo, a educação é, por sua própria natureza, um exercício estético. Isso não significa que esse processo estético ocorra o tempo todo. Ele acontece na medida em que se estabelece uma relação com os alunos. Aí o professor é visto como um artista. Na mesma obra-entrevista, questionado por Shor sobre a estética crítica do professor-artista, Freire responde que concorda plenamente em que se chame o professor de artista (cf. Freire; Shor, 1986, p. 145).

A ideia da formação como construção e como obra de arte em Freire parte do fato de que o ser humano é inconcluso. É um ser que busca o aprimoramento, o crescimento, que tem necessidade de aprender, e isso até o fim do dia. É nessa

concepção antropológica que se baseia a pedagogia de Paulo Freire. Segundo ele, para ser educador é necessário curiosidade para descobrir, humildade para aprender, respeito aos saberes dos outros, reflexão crítica sobre a prática, e, principalmente, “consciência do inacabamento” (cf. Freire, 2003).

O ser humano, ao contrário dos animais, sabe-se inacabado (cf. Freire, 1987). Para Freire, as raízes da educação estão aí, pois ela só é necessária a partir do momento em que o ser humano reconhece que ainda precisa crescer. Os animais não precisam da educação. Esse é também um dos motivos pelo qual Freire (1987) critica a educação chamada “bancária”. É porque ela não contribui para o crescimento do ser humano. Limita-se a transferir os conhecimentos de uma cabeça para a outra, sem qualquer outra contribuição.

A beleza da educação está na educação em si. Esta relação é importante perceber em Freire. Não existe estética dissociada de qualquer elemento da vida. Embora a relação ou a experiência estética não aconteçam o tempo todo na escola, assim como não acontecem o tempo todo para Schiller, esta experiência é fundamental para a pessoa que dela participa, educador e educando.

Na confecção de uma obra de arte, o artista aprende fazendo. Para Freire, o educador é o artista e a educação a obra de arte. A relação que se estabelece é a mesma afirmada por Schiller (2002), ao defender a necessidade de uma educação estética.

3. Conclusão

Percebemos, a partir daquilo que os dois autores nos apresentam, a importância da educação estética na formação da pessoa. Podemos compreender aqui tanto a educação estética na perspectiva de Schiller, do aprender a conviver com a arte, quanto na de Freire, da estética nas relações estabelecidas na escola, que transforma a formação numa obra de arte. Toda a vida do formando está envolvida no processo formativo. Assim, como já pudemos perceber ao citar anteriormente o processo de formação pessoal de Freire, esse envolvimento de toda a vida da pessoa demonstra a sua incompletude, que ela vai se construindo a cada dia no seu espaço. Ao mesmo tempo, faz perceber que, conhecendo a própria

história, a pessoa percebe-se melhor nesse espaço, e é importante que a escola assuma esse processo.

Quando a escola assume o processo de conhecer a história de vida dos educandos, de auxiliá-los a conviver com essa história, e de ajudá-los a se situarem no mundo, frente às mais variadas situações, estará estabelecendo uma relação estética. Schiller trouxe à tona a questão da necessidade do lúdico como uma dimensão necessária para dar o devido equilíbrio nas tensões opostas do formal e do sensível. Podemos – e devemos – trazer essa dimensão para a vida, não apenas para a arte, como Freire muito bem o fez transportando-a para a escola.

Uma educação estética deixa de lado todo preconceito, e tudo aquilo que é contrário ao crescimento da pessoa – a não ser que se deseje estabelecer uma estética do feio. É preciso analisar nossos sistemas educacionais, público e privado, para ver que tipo de estética estamos mantendo, e que tipo de preparação estamos dando. Aí encontraremos resposta para a grande variedade de problemas educacionais que se nos apresentam no Brasil.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 27ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Pedagogia da esperança**. 15ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 36ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____; SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HEGEL, W.F. **Estética – A ideia e o ideal**. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- ISER, W. O ressurgimento da estética. In: ROSENFELD, D. L. et al. **Ética e estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- ISSE, R. **Educação estética: uma ponte entre Schiller e Habermas**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado.
- JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERISSÉ, G. **Estética e educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. Coleção Temas e Educação.
- ROSENFELD, D. L. et al. **Ética e estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- TREZZI, C. **A educação estética na formação de professores no ensino médio: um estudo sobre a contribuição de Ricoeur**. Dissertação de Mestrado em Educação. UNICID, São Paulo, 2010.

VERÁSTEGUI, R. L. A. **A educação estética do ser humano de Friedrich Schiller.** Disponível em <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simpósio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/57%20Rosa%20de%20Lourdes.pdf>>. Acesso em 18/05/2010.